TESSITURAS
Revista de Antropologia e Arqueologia

Rute Morais Souza[1]
Luciana Nogueira Nóbrega[2]

ENTRE A PROMESSA, A DANÇA E O RITUAL: O SÃO GONÇALO DO POVO INDÍGENA ANACÉ, CEARÁ, BRASIL

BETWEEN THE PROMISE, THE DANCE AND THE RITUAL: ANACÉ INDIGENOUS PEOPLE'S DANÇA DE SÃO GONÇALO, CEARÁ, BRAZIL

RESUMO

Este artigo investiga como os Anacé, povo indígena que ocupa tradicionalmente um território localizado a oeste da capital cearense, compreendem e praticam a Dança de São Gonçalo, interpretada pela literatura como elemento do catolicismo popular. Nesse contexto, a partir de pesquisa bibliográfica e de campo, baseada em entrevistas e vivências realizadas junto ao povo Anacé, pudemos identificar que a dança de São Gonçalo não é só compreendida como o pagamento de promessa, uma prática cultural ou religiosa. Ela carrega o passado e o presente, a partir de uma reconexão dos atuais Anacé com sua memória, enquanto herdeiros de uma história longa. Em uma perspectiva contracolonial, os Anacé, assim como os quilombolas do Evaristo e do Sítio Veiga, que também praticam o São Gonçalo, complexificam as noções mais estreitas que interpretam a dança apenas como expressão popular do catolicismo. Para os indígenas Anacé, o processo de resgate e de prática da Dança relaciona-se com seus universos simbólicos e ontológicos, possibilitando a expressão de identidades orgulhosas de si.

1 Indígena do povo Anacé. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Salamanca (USAL), Espanha, e doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é Coordenadora-Geral de Promoção à Justiça Ambiental e Climática no Departamento de Justiça Climática da Secretaria Nacional de Gestão Ambiental e Territorial Indígena (SEGAT), do Ministério dos Povos Indígenas (MPI). ruteredes@gmail.com

2 Doutora em Sociologia. Mestre e Graduada em Direito. Especialista em Indigenismo da Fundação Nacional dos Povos Indígenas. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4766-2418. Contato: lunobrega.adv@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Dança do São Gonçalo; povo indígena Anacé; perspectiva contracolonial; políticas de existência

ABSTRACT

ABSTRACT: This article investigates how the Anacé, an indigenous people which traditionally occupies a territory west from Ceará's capital city, understand and practice the Dança de São Gonçalo, interpreted by the literature as an element of popular catholicism. In this context, through bibliographic and field research, it was possible to identify that the Dança de São Gonçalo is understood not only as a promise fulfilling, a cultural or religious practice. It carries the past and the present, through the reconnection of the current Anacé with their ancestral memories, as they are heirs to their own long history. From a countercolonial perspective, the Anacé and the Evaristo and Sítio Veiga Quilombo communities, which also practice the São Gonçalo, intensify the narrowest notions that interpret the dance as a mere popular expression of catholicism. For the Anacé indigenous people, the revival process and the practice of the Dance relates to their symbolic and ontological universes, enabling the expression of self proud identities.

KEY WORDS: Dança de São Gonçalo; Anacé Indigenous People; Countercolonial perspective; Existence Politics

INTRODUÇÃO

Os Anacé, povo indígena que habita um território localizado a oeste da capital cearense, são mestres em elaborar e reelaborar seus mundos e seus universos simbólicos e ritualísticos. Estão, a todo momento, reinventando e revitalizando tradições. O toré, prática não só performativa, é um elemento sempre presente quando se reúnem. Além dele, destacaríamos também a dança do coco, o reisado, o boi, o maculelê e tantas outras práticas culturais que estão em constante movimento no caleidoscópio criativo Anacé. Tentar encaixotar tais práticas, criar listas, defini-las é uma tarefa reducionista e sempre insuficiente, pois a cada momento há algo novo para ser dito, inventado e praticado.

Uma vez feita essa observação, daremos destaque, no presente artigo, à Dança de São Gonçalo, sobre a qual nos debruçaremos nas páginas a seguir. Não significa que se trata de uma manifestação simbólico-ritualística-cultural mais importante que as outras, mas que, de algum modo, o São Gonçalo foi e é central na retomada de uma identidade territorializada e orgulhosa de si, especialmente para os indígenas da Reserva Indígena Taba dos Anacé.[3]

Durante muitas décadas, o São Gonçalo deixou de ser praticado entre os Anacé, seja por falecimento dos últimos mestres, seja por proibições de autoridades eclesiásticas e policiais. No entanto, durante a década de 1990, esse povo indígena passou a ser pressionado pelo projeto de construção de um Complexo Industrial e Portuário (CIPP) no território de ocupação tradicional indígena. O CIPP é um conjunto de mega empreendimentos de

3 A Reserva Indígena Taba dos Anacé se localiza em Caucaia, a oeste da capital cearense. Foi constituída em 2018 para abrigar 163 famílias indígenas que foram desterritorializadas para a implantação de empreendimentos do Complexo Industrial e Portuário do Pecém. Sobre o tema, ver Nóbrega, 2020.

natureza logística, industrial e de energia, localizados em uma mesma região, que implicou na expulsão e na desterritorialização de diversas famílias indígenas e não indígenas (Nóbrega, 2020, 2023).

Resistindo a esse processo violento, os Anacé passaram a acionar diversas redes e estratégias para se fortalecerem enquanto grupo etnicamente diferenciado, promovendo o resgate da Dança de São Gonçalo, que passou a ser, dentre outros, um elemento de autoidentificação: "somos indígenas porque tiramos o São Gonçalo", como dizem.

No ano de 2010, a Revista Veja publicou uma reportagem especial de Leonardo Coutinho, Igor Paulin e Júlia de Medeiros, intitulada "A farra da Antropologia oportunista", em que faz menção à Dança do São Gonçalo dos Anacé como uma prática cultural não de origem indígena, mas portuguesa (Coutinho, Paulin e Medeiros, 2010). O intuito era atribuir aos Anacé a pecha de mentirosos e enganadores, ao assumirem como seu um ritual que não seria originalmente indígena. Questionando-se o ritual, questionava-se a identidade e, consequentemente, suas reivindicações fundiárias e por reconhecimento.

Neste artigo, não temos a intenção de dialogar sobre a origem, o começo, de onde veio o São Gonçalo. Pretendemos dialogar a partir de uma perspectiva mais processual e relacional: como os Anacé percebem o São Gonçalo e vão dando a essa dança o sentido de um ritual indígena, o que parte, inclusive, pelo uso do pronome masculino (o São Gonçalo) para nominar como a promessa-dança-ritual é entendido pelos Anacé. Estamos, assim, mais interessadas em compreender como o São Gonçalo aciona mecanismos subjetivos de valorização de uma identidade coletiva orgulhosa de si.

Para tanto, após estudo documental e bibliográfico sobre a Dança de São Gonçalo, realizamos, ao longo dos anos de 2020 a 2024, i) entrevistas com os mestres do São Gonçalo Júnior Anacé, Aristides Anacé e Seu Antônio Adelino[4], e algumas praticantes da dança, e ii) participamos de momentos importantes em que o São Gonçalo foi apresentado pelos Anacé, destacando:

- uma vivência realizada no dia 09 de outubro de 2021, na Reserva Indígena Taba dos Anacé, em que indígenas e não indígenas foram convidados[5] a conhecer o percurso, a partir da memória de Seu Antônio Adelino[6], dos tempos antigos em que se dançava São

4 Antônio Freire de Andrade, mais conhecido como Seu Antônio Adelino, é uma liderança muito importante entre os Anacé, sendo filho de Adelino Freire de Andrade, um pajé muito referenciado entre os indígenas. Na reportagem de Santana para o Jornal Porantim, em 2015, é narrado um episódio envolvendo Seu Antônio Adelino e seu pai, Adelino Freire. Os Anacé acreditam que espalhados em todo o território de ocupação tradicional encontram-se cidades encantadas, as quais foram apresentadas a Antônio Adelino por seu pai. Seja no Morro do Sirica, no morro do Caiacanga, há vários lugares sagrados para este povo indígena, repletos da presença de encantados. Assim, ainda jovem, Seu Antônio Adelino e sua irmã mais nova se perderam no Morro do Sirica. Com a subida da maré, eles ficaram impossibilitados de voltar e tiveram que subir o morro. Conforme relato de Seu Antônio Adelino à Santana (2015, p. 10): "Chegamos bem na caverna onde começa a cidade encantada. A noite tinha caído, éramos crianças e não sabíamos de nada. Minha irmã pegou um cigarro meu e começou a fumar. Eu chorava. Meu pai estava em casa muito preocupado e um encanto chegou até ele e disse que estávamos lá na cidade (Sirica), e a menina estava com uma tocha na boca. Assim meu pai pôde nos resgatar", conta.

5 Como o objetivo primordial da vivência era envolver os próprios Anacé da Reserva, somente foram convidados e efetivamente participaram do momento não indígenas que tem relação de longa data com os Anacé. Desse modo, tratou-se de um momento mais interno do movimento indígena Anacé.

6 No momento da vivência, em 09 de outubro de 2021, Seu Antônio Adelino advertiu: "Pois hoje, eu peço encarecidamente que vocês guarde na memória, porque vai ser gravado, filmado, e vai ser umas pequenas palestra, porque eu já to véi, minha garganta não dá mais. Mas o que eu puder dizer para vocês [sobre o São Gonçalo], eu digo com muito prazer, com muito carinho e com muito amor. [...] Grave e guarde, porque isso é um presente que eu to

Gonçalo e os seus primeiros mestres, passando pelo resgate da dança entre os Anacé até os dias atuais;

- o pagamento da promessa a São Gonçalo realizado por Dona Maria de Lourdes Anacé, na Reserva Indígena Taba dos Anacé;
- a apresentação dos Anacé da Reserva na XIV Bienal Internacional do Livro no Ceará, realizada em 17 de novembro de 2022, no Centro de Eventos do Ceará. [7]

Além disso, acompanhamos a trajetória do povo Anacé, ora como indígena, no caso da primeira autora, e como apoiadora do movimento indígena desde 2006. A partir dessas relações de longa data estabelecidas entre as pesquisadoras e o povo indígena, buscaremos demonstrar a profundidade do ritual do São Gonçalo entre os Anacé, o qual corresponde não só a uma dança, uma performance, um pagamento de promessa a um santo, mas, além de tudo isso, há uma dimensão da encantaria Anacé, com todos os seus predicados simbólicos e ontológicos, operando por meio do São Gonçalo.

Em paralelo a esse levantamento, buscamos comparar, a partir de pesquisa bibliográfica, o São Gonçalo vivido e praticado pela parenteza Anacé com o São Gonçalo vivido e praticado entre comunidades quilombolas do Estado do Ceará. Nesse contexto, o que será apresentado é resultado da costura entre as entrevistas e a observação da prática do São Gonçalo entre os Anacé, sendo cotejado com trabalhos realizados entre os quilombolas da Serra do Evaristo, em Baturité, e no Quilombo do Veiga, em Quixadá, praticantes do São Gonçalo.

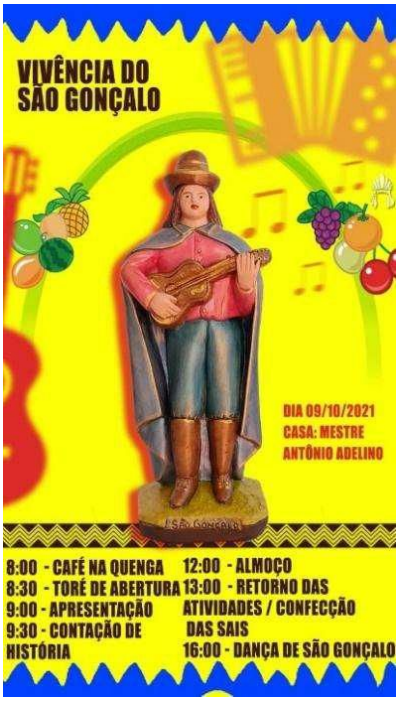


Figura 1 - Convite e programação da Vivência do São Gonçalo na Reserva Indígena Taba dos Anacé em 09 de outubro de 2021.
Fonte: Imagem cedida pelas lideranças indígenas

deixando para vocês, pra nunca se acabar [...] Tô passando para vocês para vocês pegarem, segurarem e não deixarem cair, porque é tão bonito a gente guardar uma coisa que tem valor, que esse aqui é uma coisa que tem valor para nós todos".

7 A gravação desse painel, intitulado "Danças, cantos e encantos do povo Anacé", pode ser acompanhada no vídeo disponível no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=X8jNc9rhSHw.

A TRADIÇÃO FOI ENTERRADA, MAS RESSURGE NA MEMÓRIA, COMO UM ESTRONDO DO MAR

A tradição de São Gonçalo foi passada para alguns indígenas iniciados, que tiveram a missão de tirar a dança, quando demandados, especialmente para pagamento de promessas destinadas ao Santo. Esses indígenas iniciados eram denominados de mestres. Os Anacé tiveram vários mestres até que, conforme Seu Antônio Adelino, a perseguição dessa prática passou a ser mais intensa. Assim, após a morte de um dos mestres do São Gonçalo, o toque desse ritual parou e não teve quem o executasse mais na região.

O grupo foi se dissolvendo porque deixou de ser demandado. Proibida pelas autoridades eclesiásticas, que a consideravam uma dança mundana, pagã; e perseguida pelas autoridades policiais, os Anacé narram diferentes motivos para o lapso em que a dança ficou adormecida, presente apenas na memória dos últimos dançantes:

> *Então, o que é que acontece, no final da década de 60, começou aquele povo mais ligado ao pessoal dos militares a perseguir a apresentação da dança do São Gonçalo, né? E foi quando o povo começou a ter medo de se apresentar ao público. Existiam os terreiros, os quintais das casas que as pessoas faziam a apresentação. E as pessoas começaram a perceber que estavam sendo perseguidas. Por exemplo: chegavam um grupo de cavalo e diziam: "não pode acontecer isso aqui, porque isso é uma adoração ao diabo", por exemplo. E no caso não era, era uma reverência ao santo. Então, o pessoal foram ficando tímido e só apresentando por meio das promessas que eram realizadas. [...] Então, no final da década de 60, foi começando a ficar extinto, e aí somente quatro pessoas, a gente ouvia falar que dançava a dança de São Gonçalo. Um é o atual ainda mestre da Dança do São Gonçalo que é o Seu Antônio Andelino (Júnior Anacé, durante a apresentação na XIV Bienal Internacional do Livro no Ceará, em 17 de novembro de 2022).*

Os primeiros mestres do São Gonçalo, conforme lembra Seu Antônio Adelino, foram Mario Ribeiro e Manoel Ribeiro, dois irmãos, e, posteriormente, Odete Ribeiro e a Maria Ribeiro, também irmãs, passaram a "puxar" ou "tirar" a Dança, sendo todos pertencentes da mesma família. Sendo dançada até aproximadamente no final da década de 60, no início da década de 70, as apresentações foram ficando escassas ao longo do tempo. Nas apresentações realizadas, "o pessoal da cavalaria do Capitão Neco Martins mandou parar tudo dizendo que a dança era adoração ao diabo" (Antônio Adelino, em entrevista em 2022).

Foi um tempo longo em que a dança ficou adormecida. Por quase 30 anos, o São Gonçalo deixou de ser praticado entre os Anacé, por não ter dançantes e mestres para conduzir as promessas. Até que se iniciou o resgate, sendo Júnior Anacé e Seu Antônio Adelino figuras centrais nesse processo.

A retomada da dança coincide com um período intenso de pressão e de remoções de famílias indígenas do seu território de ocupação tradicional nos municípios de Caucaia e São Gonçalo do Amarante. O local era território principalmente de pescadores e agricultores tradicionais. No entanto, a partir de meados dos anos de 1990, passou a ser destino de grande volume de recursos públicos e privados destinados à implantação do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Nóbrega, 2020).

No processo de resistência para permanecer no seu local de vida, território dos antepassados e dos atuais Anacé, os indígenas mobilizaram diversas práticas, incluindo o acionamento a órgãos, como Funai e Ministério Público Federal, a constituição de rede de movimentos sociais e pesquisadores e algumas marchas e ações diretas. Nesse processo de resistência, buscaram resgatar danças e rituais que haviam sido enterrados na memória.

O Mestre Adelino fazia parte do grupo antes da proibição e do período de adormecimento do São Gonçalo, carregando na memória os versos, o ritmo, os passos. Essa memória foi acionada no processo de fortalecimento da identidade étnica Anacé, em paralelo ao enfrentamento à remoção das famílias indígenas para a instalação dos empreendimentos do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Souza, 2019; Nóbrega, 2020). A Dança fortaleceu os vínculos sociais, políticos e simbólicos entre as famílias indígenas, impulsionando as noções de pertencimento e de relação com os encantados e com o território, passando a ser um ritual de fortalecimento e resistência.

Muito tempo se passou com a "tradição enterrada", como afirmou Seu Antônio Adelino, até Júnior Anacé tentar resgatar essa tradição:

> *Eu era Anacé de nascimento, tinha algumas maranha que meu pai passava pra mim [...]. Ele era um homem que animava o povo. Ele era um tocador de boi do reiso [reisado]. Dança de coco e reisado era com ele. Já fiquei velho, já tava bem madurão, quando surgiu a história do movimento indígena. Quem criou essa história para trazer pro povo? Esse aí, o Júnior. [...] Ele [Júnior Anacé] me chamou pra moi de resgatar, através da sabedoria dele, que Deus deu a ele [...] sei que deu na memória dele, na mente dele que esse movimento seria bem pra frente, bem forte, com as festas tradicional do índio. Cuma a tradição dos índio? Dança de Coco! Toré! Primeiro lugar toré, dança de coco, São Gonçalo do Amarante. A dança de São Gonçalo, a tradição. Essa daí é a força, minha gente, quem vê, chega aqui e vê uma moça dessa daqui, um menino desse daqui tudo pulando, cantando, batendo num caõn, [pensa]: "Ah, tão tudo bebo, ali". Bebo será aquele que pensa que eles estão fazendo aquilo ali pra se mostrar. Eles tão fazendo aquilo ali mandado. Isso aí é coisa que Deus e São Gonçalo mandou sendo ordenado pelo deles, os índios, que já se foram e quem tinham essa tradição e vem passado de um pra um, de cada geração para cada geração (Antônio Adelino, na vivência do São Gonçalo, em 09 de outubro de 2021).*

O resgate do São Gonçalo e a retomada da dança não foi um processo fácil. Seu Antônio Adelino desconfiava das intenções de Júnior e não queria abrir seu livro de sabedoria para ninguém. Júnior é uma importante liderança política Anacé. Apesar de jovem, era bastante articulado e conseguia fazer o trabalho de diálogo com outras lideranças indígenas no estado do Ceará e com diferentes famílias Anacé. Nesse processo, escutava dos mais idosos a importância da dança de São Gonçalo para a espiritualidade indígena. No entanto, não lembrava dessa prática porque havia nascido no período em que a dança ficou encoberta. No intuito de levantar as memórias e histórias do povo Anacé, recorreu a um dos últimos mestres na região, Antônio Adelino, ao rezador e dançarino Biágua, ao tocador Roginé e à dançante Dona Maria.

O resgate do São Gonçalo envolveu, portanto, uma articulação, coordenada por Júnior Anacé, entre os dançantes antigos e seu Antônio Adelino, que, por ter dançado com o mestre Mário Ribeiro por muitos anos, poderia ter

memória dos versos, dos passos e do sentido profundo do São Gonçalo, situado entre a promessa, a dança, o ritual e o encanto. Na busca dos dançantes e de suas memórias, Júnior foi percorrendo o território físico e simbólico Anacé, conectando a aldeia de Matões, onde estava Seu Antônio Adelino e Zé Bolacheiro, a aldeia Baixa das Carnaúba, onde vivia Roginé, com o Cauípe, onde estava Dona Maria, os conhecedores mais antigos do São Gonçalo na região. Resgatados os doze versos, faltava um para completar a música que é tocada durante a dança de São Gonçalo. Mas além dos versos escritos, era preciso resgatar também a melodia completa e convencer os atuais Anacé a serem dançantes, a tirarem o São Gonçalo:

> *Esse aqui [apontando para o Júnior Anacé], graças a meu pai do Céu e Senhor São Gonçalo, que nesse tempo ele era mais franzinho, a força dele me pegou que quase me quebra. "Seu Antônio, eu tô feliz por isso aí. Tenha certeza que é nossa cultura vai se renovar e nós vamo arranjar um povo que dance". Ficou todo mundo no ativo. [...] Aí, ficou o Cumpade Roginé lá na Baixa das Carnaúba, executando o povo, convidando o povo, acertando, dizendo pra ele quem era que podia mais ou menos ser. Aí, eu fui pro Matões. A primeira pessoa que foi na minha mente, na minha cartola, é uma pessoa que hoje em dia tá mais nós aqui [...], que nós conhece ele por Zé Bolacheiro. [...] Ele é um homem guerreiro e eu passei pra ele. [...] Aí, eu contei a ele qual era o significado, o porquê. Era um movimento que ia trazer nossa história, nossa origem, ia resgatar nossa origem, pra nós e pro povo que já existia no mundo e não sabia e pros que vão nascer. Ele acreditou que eu não tava por brincadeira. Tava por amor. [...] Eu disse: "Cumpade Zé, a primeira pessoa que eu tô convidando é o senhor. Se o senhor disser o sim, eu vou à frente. E tem duas pessoa aqui mulher, mó de eu convidar depois do senhor, se o senhor disser o sim". Ele disse: "Vou. Não faço mais o que eu fazia, mas eu, confiado em Deus e São Gonçalo, eu vou entrar no grupo com você". [...] E nós fizemo o primeiro ensaio; foi na casa do Júnior. Era na baixa, encostadinho dum pé de jambo, com umas graminha. O primeiro tocador foi esse rapaz que saiu daí agora [o Ivan, ex-cunhado do Júnior], junto com o Cumpade Roginé. [...] Aí comecei a soprar ali pra ele e ele pegou o ritmo, com duas passagens ele pegou. "Eu acho que é por aqui". Aí fizemos os ensaios com ele tocando lá na casa de Júnior. De lá, nos passemo a tirar, a fazer ensaio na casa da Dorra [Ângela Anacé], lá na casa do Cumpade Roginé, lá na casa da Lourde. [...]quando eu fui tirar a primeira vez eu não errei passo nenhum e ainda fui elogiado pela Tia Maria. Eu dançando e quando terminei a primeira jornada, ela abraçou-se comigo chorando e dizendo: "meu fí, eu vi o Cumpade Mário em você". Esse que tava bem pertim de mim, ouviu ela dizer. "Meu fí, na segunda jornada, eu vou cantar o começo com você que eu encontrei o outro verso". (Antônio Adelino, na vivência do São Gonçalo em 09 de outubro de 2021).*

O repasse das memórias foi central para de manter viva as tradições e cultura Anacé. Seguindo no processo de resgate, Júnior Anacé mobilizou outros indígenas para integrarem-se ao grupo, com o objetivo de realizar a primeira apresentação da dança.

Assim, em 05 de novembro de 2005, durante um ensaio do São Gonçalo na casa de Júnior Anacé, o hino da dança de São Gonçalo foi lembrado de forma

conjunta e integralmente, viabilizando que o ritual pudesse ressurgir "como um estrondo do mar", como afirmam os Anacé.[8] São 13 versos, mas o mestre Antônio Adelino recordava apenas de 12, o que foi complementado com a memória dos mais antigos dos Anacé. O mestre Antônio Adelino entregou esse conhecimento ao povo, repassando também o compromisso de dar continuidade à dança.

Hino da Dança do São Gonçalo Anacé

Graças a Deus que cheguemos (bis)
Nesta casa de alegria (bis)
São Gonçalo vai na frente (bis)
Nossa Senhora na guia (bis)

São Gonçalo chegou ontem (bis)
Da cidade da Bahia (bis)
Com seu livrinho na mão (bis)
Dos milagres que fazia (bis)

Estamos na primeira jornada (bis)
Estamos na primeira jornada (bis)
Dançamos com contrição (bis)
Que o Santo não nega nada (bis)

Quem dever suas promessas (bis)
Deve vir logo pagar (bis)
Não venha depois de morto (bis)
Que eu mando se arretirar (bis)

Quem for dançar essa dança (bis)
Deve ter o pé ligeiro (bis)
Depois não saia dizendo (bis)
Tem barroca[9] no terreiro (bis)

São Gonçalo do Amarante (bis)
Feito do cedro cheiroso (bis)
Me diga meu São Gonçalo (bis)
Quem te fez tão milagroso (bis)

Entre Serra e serrotes (bis)
Tem três Santos Galante (bis)
Santo Antônio e São João (bis)
E São Gonçalo do Amarante (bis)

São Gonçalo do Amarante (bis)
Casamenteiro das moças (bis)
Casai as minhas primeiro (bis)
Depois casará as outras (bis)

Santa Tereza foi freira (bis)

8 De acordo com Pollak (1989, p. 4), "as memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa".

9 As barrocas, segundo os indígenas, são as dificuldades e as energias negativas que podem aparecer no momento da dança.

Menina de 12 anos (bis)
Escreveu a São Gonçalo (bis)
Que esse mundo era um engano (bis)

Fui jogar com São Gonçalo (bis)
Na mesa da comunhão (bis)
Ele ganhou a minha alma (bis)
E eu ganhei a salvação (bis)
Minha perpétua encarnada (bis)
Encarnada furta cor (bis)
Oh, meu Senhor São Gonçalo (bis)
Estamos em seu louvor (bis)

Raminha sobre raminha (bis)
Cada galho tem sua flor (bis)
Oh, meu Senhor São Gonçalo (bis)
Estamos em seu louvor (bis)

Fica-te aí latada (bis)
Que as costas nós vamos dando (bis)
São Gonçalo vai embora (bis)
E o povo fica chorando (bis).

As primeiras apresentações do São Gonçalo entre os atuais Anacé eram bem simples. Seu Antônio Adelino destaca que não tinha uma roupa especial para dançar, não tinha calçado nem chapéu, era "todo mundo paisano, como se diz". Das primeiras apresentações, em 2005, até os dias atuais, o grupo do São Gonçalo foi ganhando força e identidade com roupas especialmente confeccionadas para as apresentações e pagamento de promessas.

Do primeiro ensaio até os dias atuais, o São Gonçalo foi se constituindo como um importante alicerce da memória ancestral Anacé, conectando os atuais indígenas com um passado referenciado e reconstruído. A data é comemorada anualmente com uma grande festa, em que indígenas e não indígenas são convidados a prestigiar a Dança e o Santo, o ritual e a identidade, a memória e a história que vai se fazendo no presente.

Uma das conquistas realizadas com a articulação da dança de São Gonçalo do Povo Anacé foi a contemplação com o Prêmio Culturas Indígenas do Ministério da Cultura, na edição Chicão Xucuru, no ano de 2008, patrocinado pela Petrobrás. O prêmio foi direcionado para a construção da Casa de Apoio Anacé, um importante espaço para reuniões, apresentações e mobilizações indígenas. Nesse espaço, realizou-se a Assembleia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará, em 2010.

A Dança do São Gonçalo para os Anacé envolve diferentes pessoas que exercem diferentes funções: há os mestres, que conduzem a dança, os dançarinos, sempre em par, sendo homem com homem e mulher com mulher, divididos em duas colunas. Além desses, há os tocadores que embalam o São Gonçalo e, ainda, o próprio Santo que, instalado em um altar na frente dos dançantes, é referenciado e reverenciado, cumprindo a ele o papel de realizar as curas ou atender aos pedidos solicitados.

Aos mestres da Dança do São Gonçalo são exigidos comportamentos esperados daquele que é não só o professor, mas o guardião da memória, da história e do rito à São Gonçalo. Cabe aos mestres ensinar, organizar o grupo, definir ordem de dançantes, os passos a serem executados, chamar a atenção em caso de erros e controlar para que negatividades não influenciem o momento do ritual.

Apesar de muito reconhecidos entre os demais indígenas, nenhum integrante do São Gonçalo exerce uma posição hierárquica superior à coletividade Anacé pelo simples fato de participar do ritual do São Gonçalo. No entanto, a dança é inegavelmente um elemento de solidez, de coesão e de autorreconhecimento entre os indígenas Anacé e entre esses e os demais indígenas no Ceará.

Os tocadores cantam os versos em homenagem a São Gonçalo, sempre em uma ordem definida. São eles que dão o ritmo da dança que deve ser acompanhada, com passos ligeiros pelos dançarinos. Tem que saber dançar no ritmo da música, como diz um dos versos do São Gonçalo: "quem for dançar essa dança tem que ter o pé ligeiro. Depois num saia dizendo que tem barroca no terreiro". Corpos, sons e letra seguem um mesmo ritmo, em uma dança que, em parte, é visível a quem vê e em parte é acessível apenas aos dançantes e aos iniciados no ritual. Júnior Anacé assim mencionou, em entrevista em 18 de janeiro de 2023:

> *Então, é um momento sagrado, ali é um ritual, ele é tão forte, que eu já dancei o São Gonçalo em alguns momentos que para mim, eu não passei por alguma passagem dessas que eu te disse. A gente entra tão concentrado, que parece que a gente tá em outro mundo, entendeu? A gente parece que tá em transe. É forte, a Dança de São Gonçalo é muito forte. Eu, já fiz passos da Dança de São Gonçalo, que quando a gente termina: será que eu fiz aquela passagem? Já tem sido feito, entendeu?! Porque é muito forte. Você se concentra, você se doa no gingado, no movimento ali, passa que você nem percebe. [...] É como se você tivesse em transe, entendeu?! Como se você não tivesse em si, ali naquele momento. É tão forte, que você, parece que você não tá ali naquele momento, mas é muito gostoso. Quando você termina aquela apresentação, por mais que você tenha começado cansado, mas sai leve. Terminou? Você ainda aguenta dançar outra jornada! E assim vai, você dança... [...] E é por isso que a gente diz que é um ritual né?! Ela tem passagem, ela tem momentos ali que, eu acho que ela foi implementada pelos nossos indígenas né?! Alguns momentos ali, que ela foi implementada. Parece que num é, né, só dali da religião, né? Tem muitas coisas envolvidas e uma das coisas que a gente sempre diz: firme e forte, e vamos enfrentar. Todo mundo firme e forte, né? Para dar força um ao outro para a gente fazer e assim, ele tem um poder muito grande de curar. Aquele momento ali, ele é milagroso, né? Aquela reverenciação, é muito milagroso. Se você tiver é, com fé, com pensamento positivo em Deus, ela alcança graça ali. Alcança, livramento, né? Muita coisa positiva pode ser levada daquele momento, mas também, se você tiver com a áurea ruim, com pensamento negativo, com uma força negativa, ali ela pode ao invés de ser curada das negatividades, ela pode ser carregada com mais negatividade. [...] Tá tudo em movimento! São correntes, né? São correntes que tá circulando naquele momento ali, que as pessoas precisam estar protegidas fora, do mesmo jeito é o toré! O toré tem o poder de curar! O ritual do toré tem o poder de curar, mas se a pessoa não tiver com o pensamento positivo, não tiver em sintonia, ele pode sair é carregado de lá. Sair com, com coisas negativas, né? E levar para casa, inclusive, pegar em outras pessoas! Você, nós seres humanos, temos um poder muito grande da mente e a negatividade espiritual da gente, ela pode sair de um canto e ser levada para outro, entendeu?*

O São Gonçalo, como afirma Júnior, tem um poder de cura muito grande e, ao mesmo tempo, um poder de conexão com as encantarias e as entidades Anacé. São inúmeros os relatos de graças alcançadas, de afastamentos de males físicos e mentais e de proteção do território a partir do ritual. Apesar de cultuarem a imagem de um santo, a reverência católica, do modo estritamente pensado, é o que está menos presente[10]. O São Gonçalo ativa as correntes dos encantados, que ficam em movimento enquanto sons e corpos são embalados. Daí, ser comum que alguns dançantes, aqueles que têm mais poder de receber ou que estão menos protegidos espiritualmente, recebam entidades de energia boa ou ruim durante a execução da dança do São Gonçalo. Quando isso acontece, a pessoa é retirada da dança[11] que não pode, em momento algum, parar no meio da execução de uma jornada, o tempo, sem interrupção, em que os versos de São Gonçalo são cantados e dançados. Para pagamento de promessas, é possível cantar duas, três, cinco jornadas, a depender do pedido feito ao Santo ou da graça alcançada.
Mais do que uma dança, o São Gonçalo, para os Anacé, é, portanto, um ritual de cura, sendo sua execução um momento sagrado, em que forças da encantaria se conectam diretamente com os mestres e com os dançantes. Seu Antônio Adelino fala de São Gonçalo como uma figura humana, um animador, um tocador de festas, que existiu em tempos passados e que teve uma estreita relação com o seu primeiro povo, os indígenas Anacé.

> *São Gonçalo era, foi e é e sempre será o curandeiro do povo Anacé. O primeiro povo de São Gonçalo. Deixa eu falar um pouquinho de São Gonçalo. O primeiro povo de São Gonçalo é os Anacé. Os Anacé era o que? Os Índios, os primeiro índio mandado por Deus e o Senhor São Gonçalo. [...] agora nós tamo falando de São Gonçalo, quando São Gonçalo era pessoa em carne como nós somo de carne. Ele era de carne, só que ele não era pecador como nós somos. Ele era um homem de Deus. Era não, é, um homem de Deus. Ele tinha os contato com Deus. Ele sabia quando o que ia acontecer lá na frente, ele sabia o que tava acontecendo. Ele sabia o que tava acontecendo hoje e sabia o que ia acontecer amanhã, como ele sabe (Antônio Adelino, na vivência do São Gonçalo em 09 de outubro de 2021).*

Além de curador, de acordo com Seu Antônio Adelino, São Gonçalo também era tocador, levando alegria para o povo dele com seu instrumento musical. Diante do grande poder de cura pela dança e pela música, São Gonçalo é

10 Brissac e Nóbrega (2010), estudando as múltiplas camadas da religiosidade Anacé, mencionam ser mais apropriado pensar não em termos de sincretismo religioso, mas na perspectiva do englobamento e da experiência vivenciada pelos indígenas, destacando os movimentos pelos quais continuamente mistura e diferença se põem em confronto, articulam-se e se ressignificam.

11 Quando perguntado se já havia acontecido de alguém incorporar uma entidade no São Gonçalo, Júnior respondeu: "Já! Já aconteceu de pessoas receber entidades e sair, e cair, inclusive! E aí, nós não pode parar, as pessoas saem daquele espaço e nós não pode parar, a gente tem que continuar e alguém vai socorrer aquela pessoa que tá passando por algum processo, por algum problema. Se a gente tiver na dança, a gente não pode parar, não para. Se for no ensaio, a gente para. Se for na dança a gente não para. A pessoa sai e alguém vai lá ajudar aquela pessoa. Já aconteceu! Aconteceu várias vezes, inclusive! Por isso que a gente diz: gente, entrar na Dança de São Gonçalo, não é entrar de qualquer jeito, não tá bem? Não adianta entrar! Não entre sem estar bem. Fisicamente, nem psicologicamente e também, emocionalmente. Se você tá ruim emocionalmente, teve algum problema com o esposo ou com a esposa, tá ruim, a áurea tá ruim, não entre! Porque pode você se sentir mal" (Júnior Anacé em entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2023).

considerado pelos indígenas Anacé um encantado. Ele, tendo existência material no plano terreno, quando "tava perto de dormir", passou para o plano da encantaria, continuando o seu ofício de curar e de alegrar os indígenas por meio do ritual criado por ele, o São Gonçalo.
Uma vez encantado, São Gonçalo (homem-santo) passou a operar milagres em diferentes lugares. Seu Antônio Adelino contou, na vivência em 09 de outubro de 2021, uma das primeiras graças alcançadas por intermédio de São Gonçalo:

> *Aquele povo [os Anacé] que tinha São Gonçalo, que esse povo que já se foram, que tinham São Gonçalo numa mente guardada no seu coração, era uma pessoa humilde a Deus, temoroso a Deus e ao Senhor São Gonçalo, obediente. Eles faziam promessa junto a lagoa deles, eles fizeram promessa porque a lagoa deles tava secando. Fizeram uma promessa que "se minha lagoa secar, São Gonçalo, eu quero que imediatamente ela encha. Se ela encher, novamente, para ficar no ponto, eu tiro a areia. Pagarei essa promessa com tantas jornada". Não sei quantas, porque é uma coisa que eu não gosto é de mentira [...]. Mas então, e ele era ouvido por Deus e Senhor São Gonçalo, a imediata lagoa, Deus mandava a chuva e enchia a lagoa. Eles tiraram, pagaram a promessa.*[12]

"VEM DE RAÍZES": O RITUAL E A CONFIGURAÇÃO DA DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ

Atualmente, no comando da Dança do São Gonçalo entre os Anacé estão os mestres Júnior e Aristides, que são os "puxadores da dança": responsáveis pela organização e administração do grupo, pela organização dos ensaios, das apresentações e pagamentos de promessas. Além disso, tem o importante papel de organizar o ritual no momento em que ele é praticado, garantindo segurança dos dançantes e acionamento das correntes. Desse modo, são eles que iniciam entoando o cântico (os 13 versos do São Gonçalo) e a coreografia a ser executada. Os dançarinos do cordão acompanham com palmas e passos o cântico do São Gonçalo, emprestando som à banda de músicos que segue o ritmo e o comando dos mestres.

A dança é realizada por pares, sendo que homens dançam com homens e mulheres dançam com mulheres. É uma dança que privilegia a participação de diferentes gêneros, numa relação de complementariedade

12 No Quilombo da Serra do Evaristo, o São Gonçalo é dançado apenas por mulheres, para pedir e/ou pagar promessas. De acordo com Dona Marinete, de 87 anos, citada por Braga *et al*. (2021), a dança teria surgido para retirar mulheres da prostituição: "assim, as "mulheres perdidas" tiveram um encontro com um homem, que seria o São Gonçalo, que lhes ensinou a dança, tocando um instrumento musical e desde então retirando-as da prostituição" (BRAGA *et al*., 2021, 100). Aqui, também São Gonçalo é apresentado como alguém que conviveu com antepassados dos quilombolas, alguém de carne e osso. Braga *et al*. (2021, p. 102) destacam ainda o início da prática de culto ao santo a partir da dança do São Gonçalo: "Alguns depoimentos das participantes mencionam que esta dança foi iniciada e estimulada pela família Julião. Na seca de 1932, o Olho d´água do Manuel Julião, na Grota, que abastecia a comunidade secou; e, diante dessa dificuldade, a dança foi realizada para pedir a São Gonçalo que a água voltasse. Ao jorrar novamente a água, intensificou-se o culto e a devoção ao Santo e se mantêm até os dias atuais". Apesar de os quilombolas do Evaristo e os Anacé não terem realizado vivências, intercâmbios e trocas de experiências entre eles até o presente momento, as histórias que partilham sobre o São Gonçalo são bastante assemelhadas, indicando a possibilidade de conexões imateriais.

entre o feminino e o masculino. Todos entram, par por par, no local onde será dançado o São Gonçalo, logo após a entrada dos mestres. Repetem o movimento dos mestres e abrem espaço para que venha o próximo par que aguarda no cordão. Cada jornada (cântico dos 13 versos acompanhado dos passos ritmados do São Gonçalo) leva em cerca de 45 minutos, havendo a possibilidade de serem dançadas quantas jornadas forem aquelas prometidas ao Santo.

A distribuição dos participantes ocorre da seguinte forma: são formadas duas fileiras, sendo que um participante fica atrás do outro. Seguindo à frente estão as estrelas, duas crianças que carregam a imagem de São Gonçalo, atrás delas vem os dois mestres, que se posicionam também lado a lado. Posteriormente, os dançantes se organizam por faixa etária, sendo que os mais velhos ficam no fim do cordão. O ritual possui diversos momentos, marcados com passos ritmados, como identifica o mestre Júnior Anacé:

> *Sobre as passagens da dança de São Gonçalo, nós temos o momento de entrada com canto do Santos do hino do Santos, depois nós temos momento de cumprimentar, de desejar, seja boa sorte ou seja bem-vindo e a gente, enquanto mestre, sai cumprimentando e desejando as boas-vindas para o grupo e para os dançantes que estão no cordão. São duas filas que a gente chama de dois cordões. E a continência, a continência é um momento; depois tem o momento do beijo, depois tem o momento do oito e tem o momento de cortar o cordão, né, que é o momento que a gente faz a costura daquele cordão de pessoas. A dança de São Gonçalo, o tempo todo a gente tá fazendo um oito. Tem um momento da passagem do oito que faz quatro pessoas, mas tem um momento todos os momentos que a gente tá dançando no grupão com todos os integrantes e fazendo um oito, e faz dois círculos de pessoas desses, quando esses dois círculos de pessoas se juntam que faz direitinho. É muito lindo! (Entrevista em 18 de janeiro de 2023).*

A dança de São Gonçalo do povo Anacé é uma prática animada. Os dançarinos falam que "não é uma dança parada". Durante a ação da dança, todos os participantes do cordão batem palmas e animam o ritual junto com os mestres, louvando o Santo, louvando o dono da casa, louvando a pessoa que fez a promessa e as que estão assistindo. A dança transmite alegria e é considerada uma "brincadeira séria", ou seja, há alegria e diversão, no entanto também é um momento de seriedade, concertação e reza.

Para a finalização do ritual ou fechamento, os mestres dão as mãos um pro outro e ficam sapateando e rodando por mais ou menos quatro ou cinco rodadas, depois se viram para o grupo e sinalizam aos tocadores já é hora de ir parando. Depois, todos os integrantes dão-se as mãos, os mestres realizam a reza de agradecimento e saem cantando o último canto, o hino de despedida do Santo: "Fica-te aí latada que as costas nós vamos dando, São Gonçalo vai embora e o povo fica chorando".

Durante os anos de resgate da Dança do São Gonçalo, seja em momentos de pagamento de promessas, apresentações culturais e outros momentos realizados pelo grupo, identificamos que a cumplicidade e a espiritualidade dos indígenas em contato com a divindade no ritual sagrado transpassam o mundo físico. Em algumas das apresentações do São Gonçalo do povo Anacé, presenciamos momentos de manifestações da encantaria, com dançantes em transe e incorporando entidades.

A esposa do Mestre Aristides, Luciana Neves, constantemente recebe os encantados no momento do ritual da dança de São Gonçalo do Povo

Anacé. Nesses momentos, a dança prossegue cumprindo com os passos necessários para a finalização, sem que a incorporação seja considerada elemento estranho ou alheio aos dançantes.

Os Anacé identificam essa possibilidade de receber encantados no São Gonçalo como um momento de proteção dos antepassados, que são acionados durante a execução da dança e acompanham as jornadas até o seu encerramento.

A dança de São Gonçalo é um não só o pagamento de promessa, uma prática cultural, uma brincadeira séria ou mesmo um ritual para o povo Anacé. Ela carrega o passado e o presente, a partir de uma reconexão dos Anacé com sua memória e com a sua história. Os encantados, considerados também pelos indígenas como parentes que se encantaram na luta, se fazem presentes na dança, garantindo que o momento seja de cura e de fortalecimento.

Em razão da força do São Gonçalo enquanto elemento relevante da identidade Anacé, a dança tem sido praticada em diferentes momentos, seja como promessa, ritual ou apresentação, cada uma cumprindo uma função diferente. Podemos perceber essas nuances na realização da "dança de promessa" e da "dança de apresentação". Apesar de seguirem os mesmos passos e o mesmo hino, varia a quantidade de jornadas solicitada pela pessoa que está oferecendo a festa pela graça alcançada, as tarefas, como a produção do arco e a organização das frutas que serão leiloadas, são divididas entre o grupo e a pessoa pagadora da promessa. Nesse caso, é comum haver ensaios antes do dia do pagamento da promessa para que não haja erros nem negatividades que possam interferir no ritual. A promessa tem um aspecto de coletividade, pois para que ela aconteça é necessário vários reunir vários agentes, dividir tarefas, estabelecer processos de negociação e engajamento.

Para Cauê Machado (2020), que estudou o São Gonçalo na comunidade quilombola do Evaristo, a promessa é também fundamental para os quilombolas ao possibilitar o encontro de diferentes famílias, fortalecendo as redes de relações sociais e propiciando namoros e futuros casamentos.

Em 2022, a AUTORA acompanhou a preparação do grupo para o pagamento da promessa de Dona Maria de Lourdes Anacé, uma das mais idosas do grupo da Dança do São Gonçalo. Na oportunidade, pode entrevistar, em 13 de julho de 2022, Dona Maria de Lourdes, que tem 73 anos e mora na Reserva Indígena Taba dos Anacé. De acordo com Dona Maria, a promessa decorreu de graça de cura alcançada com a intercessão de São Gonçalo; assim, comprometeu-se a realizar duas jornadas da dança:

> *Aí eu sempre sentindo essa dor né, quando foi uma noite eu sonhei pedindo para senhor São Gonçalo ajudar com que aquelas dores desaparece, se desaparecesse e não fosse maligno, ia mandar fazer uma dança pra senhor São Gonçalo, tocado pelo meu irmão [Antônio Adelino] na gaita. Nessa época, ele podia tirar, ele podia tocar, né, agora ele não pode mais, é muito forgo puxar. Isso no meu sonho, eu fazendo essa promessa no meu sonho, eu quero que meu irmão tire na promessa. Aí ficou rolando tudinho, quando houve aquela reunião aqui que eu acho que você veio, aí eu fui e falei pro Júnior. Isso foi há 10 anos atrás que eu fiz essa promessa, mas agora tô pagando (Maria de Lourdes, entrevista em 13 de julho de 2022).*

Todos os detalhes da dança-promessa pela graça alcançada de Dona Maria de Lourdes foram dialogados em conjunto com o grupo do São Gonçalo em diversas reuniões. A indígena também se comprometeu a ofertar o arco

de São Gonçalo, que seria leiloado[13] após as duas jornadas na dança. O altar, onde fica o Santo durante a execução da dança, e o arco, enfeitado com palhas, frutas e outras comidas locais, são um dos elementos mais importantes no pagamento de promessa, sendo ofertados por quem solicita a promessa. Após a execução da dança e todas as suas jornadas prometidas, o leilão do arco é realizado. Nas danças para apresentação ao público, não ocorre o leilão, mas apenas quando há pagamento de promessas.

Um elemento central que nos foi destacado por Dona Maria de Lourdes diz respeito ao fato de que, a partir do São Gonçalo, as famílias Anacé passaram a se reconhecer enquanto pertencentes a uma coletividade mais ampla, em que todos são "uma parenteza só". A noção de pertencer à mesma família está diretamente ligada às noções de identidade e pertencimento, em que as histórias e as memórias individuais vão sendo percebidas como comuns ao grupo. Como reconhece Dona Maria de Lourdes durante nossa entrevista:

> *Eu não vou esconder o que eu sou, por que isso aí já vem de raízes, e tem esses meninos aí que são da minha família também, longe, mas são. Como esse Júnior, meu parente, mas acho que não muito longe não. Ele é Freire, e o meu pai era filho desse Manoel que é Freire. Que justamente o pai do meu pai era irmão do padrinho Manoel Geraldo, vô desse pessoal aí, Freire, aí todo mundo é parente de todo mundo. Então, é uma parenteza só. Eu falo Freire e aonde vai, não vai negar. Na dança de São Gonçalo, somos uma parenteza só, todo mundo é parente, todo mundo somos irmãos (Maria de Lourdes, em entrevista em 13 de julho de 2022).*

O termo "parenteza", utilizado por dona Maria, remete ao fato de todos os Anacé se considerarem parentes, independente das relações de consanguinidade, sendo herdeiros de uma história longa e de uma memória ancorada na luta pelo território. São comuns, também, relação de apadrinhamento das crianças, reforçando os laços entre as famílias.

A relação de parentesco da dança de São Gonçalo tem a função de transmitir as crenças e práticas. O ritual se concentra, atualmente, nas famílias que iniciaram o processo de mobilização étnica Anacé, e hoje é visto como um patrimônio para todos os indígenas, sendo repassada para as gerações seguintes pelos dançantes. Como cita o mestre Aristides, referente ao repasse da dança para as filhas, Arilucia e Ariana:

> *Na realidade, a cultura vai passando de geração e não pode ficar pra trás. Eu sou o mestre da dança, mas veio do meu tio. Eu recebi de alguém e tô dando continuidade e elas [suas filhas Arilucia e Ariana] vão dar continuidade um dia. Elas vendo eu lá em casa dançando, às vezes, elas estavam brincando por ali. Quando chegou a idade, eu fiz. Elas perguntavam quando podiam entrar. Quando eu vi, a Arilucia tinha idade e já coloquei, e Ariana do mesmo jeito. (Mestre Aristides, em entrevista realizada em 2022).*

Questionado sobre qual a importância da dança para o povo Anacé, Júnior respondeu: "O que que é a dança de São Gonçalo para mim? o que que é a dança de São Gonçalo para muita gente as pessoas falam seguinte ela é fortalecimento espiritual ela é um fortalecimento mental, ela é o fortalecimento do corpo, ela ajuda a unir". A dança do São Gonçalo garante

13 O valor arrecadado com o leilão é sempre revertido para a manutenção do grupo do São Gonçalo.

e assegura um tipo de liga e de coesão social que transcende dimensões de ritual e de religiosidade. O São Gonçalo é isso, mas não só isso: é ato político, é identidade, é instrumento de cura, é performance, é a encantaria se manifestando no território.



Imagem 2 - Júnior Anacé, de cocar, e Aristides, de chapéu – mestres do São Gonçalo Anacé Fonte: Co-autora (2021)

Em 2018, boa parte das famílias indígenas Anacé foi despojada do seu território de ocupação tradicional nas Aldeias de Matões e Bolso, em São Gonçalo do Amarante e Caucaia, para a Reserva Indígena Taba dos Anacé, uma área adquirida pelo Governo do Estado e pela Petrobrás para reterritorialização das famílias indígenas.

No processo de transformação e construção das famílias na Reserva Indígena, foram inúmeros os impactos e as dificuldades enfrentadas, conforme narrado nos trabalhos de Morais de Souza, Nogueira e Paulino (2016); Souza (2019); Nóbrega (2020, 2023). No entanto, a dança de São Gonçalo do Povo Anacé resiste com seus encantos, organização, significados e simbolismo próprios. Mais do que uma performance, a dança do São Gonçalo para os Anacé atravessa a ação política, aglutinando pessoas, narrativas e memórias, dando sentido simbólico, emocional e ritualístico aos argumentos que publicamente – para os não índios – justificam a luta em torno da terra. De acordo com Souza (2019, p. 42), "a dança teve um forte papel na afirmação étnica, pois é constituída pela espiritualidade e a ligação territorial, envolvendo a força ancestral, fé e proteção. Para nós é uma herança passada de geração a geração".

Se “tradicional é onde se tem história”, como afirma Souza (2019), a coesão entre os Anacé, a despeito da desterritorialização, foi sustentada pela manutenção das práticas indígenas que ampliavam a dimensão do território – físico, material, simbólico, espiritual e imaterial. O São Gonçalo continuou e continua sendo praticado na Reserva com mais força ainda, reafirmando o pertencimento e a história longa do povo indígena Anacé.

O SÃO GONÇALO PARA INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO CEARÁ

A dança do São Gonçalo é praticada por muitos povos e comunidades tradicionais, sendo, muitas vezes, observada pela lente do catolicismo popular. Nesse sentido, de acordo com Pereira de Queiroz, a dança “é sempre resultado de uma promessa”:

> *A Dança é essencialmente uma cerimônia religiosa, caráter patente nos motivos de execução da mesma e no respeito profundo de que é acompanhada. Ela é sempre o resultado de uma promessa; as pessoas do lugar prometem uma ou mais rodas de São Gonçalo em troca da graça que almejam. Quando as pessoas pagam logo suas promessas, são elas chamadas “promessas de vivos”. Existem também as “promessas de defunto”; quando alguém, tendo prometido realizar rodas de São Gonçalo, alcançou a graça, mas não conseguiu em vida se desincumbir da promessa, seu espírito fica sem descanso e vem pedir aos parentes e amigos vivos que cumpram a promessa em seu lugar. Os vivos se veem na obrigação de satisfazê-lo o quanto antes, pois um espírito que não tem descanso, pode trazer males sem conta (Pereira de Queiroz, 1973, p. 139).*

Em sentido semelhante, mas indicando a possibilidade de adaptação da dança a partir de elementos concretos de cada povo, Wellington Bomfim (2006) destaca que a manifestação está vinculada a heranças culturais:

> *No conjunto das manifestações tradicionais encontradas no universo do catolicismo rural desempenhadas por diferentes grupos no Brasil, a dança de São Gonçalo merece um destaque pela sua presença registrada em todas as regiões do país. Culto religioso trazido pelos colonizadores portugueses é apropriado a dinâmica social e cultural de diferentes grupos, que tratam de vincular a esta prática, elementos simbólicos de sua herança culturais. Anuncia um contato da cultura ocidental, representada pelo o cristianismo em forma de louvação a um Santo da igreja católica, e elementos que marcam padrões culturais dos agrupamentos que apresentam está prática (Bomfim, 2006, p 49).*

Contudo, para diferentes povos e comunidades, o São Gonçalo tem uma dimensão mais profunda e mais complexa, sendo caracterizada pela relação do indivíduo com uma coletividade mais ampla, material ou imaterial. Ana Souza (2010), em pesquisa sobre o São Gonçalo em Santo Amaro do Maranhão, expõe a prática como sociabilização:

A festa de São Gonçalo perpetua nas matrizes do sagrado e profano, entre o compromisso com o Santo e o momento de sociabilização dos praticantes, entre as canções das jornadas e o baile profano. Isso se manifesta nos participantes de acordo com a vivência individual onde os sentimentos, emoções e experiências durante os rituais se manifestam de diferentes formas em cada um (Souza, 2010, p. 12).

No caso dos Anacé, o São Gonçalo é uma das muitas estratégias dos indígenas Anacé para continuarem existindo em contextos adversos, em que seus rituais e tradições são perseguidos e impedidos de serem realizados. Há dualidades complementares nas compreensões Anacé sobre a dança, o ritual e a promessa: o São Gonçalo é um ser vivente e também um encantado; trata-se de uma brincadeira séria e um momento em que os encantados podem baixar e bailar. Esses sentidos complexificam as noções mais estreitas do São Gonçalo apenas como expressão popular do catolicismo.

Mas a dança também é praticada por outros povos no Ceará, especialmente os quilombolas do Quilombo do Evaristo, em Baturité, e do Sítio Veiga, em Quixadá. Daniele Moreno (2014), na sua dissertação acerca do São Gonçalo no Sítio Veiga, destaca a devoção e a prática da dança enquanto um elemento relevante de reafirmação do pertencimento étnico. Um ritual que aglutina pessoas em torno de sua autopercepção enquanto quilombolas:

> *Para entender melhor a dança, parto da análise de Sérgio Ferretti (2004) sobre cultura popular, em que o autor percebe as festas religiosas populares através de dois aspectos: como "[...] um instrumento de integração, de controle social dos subalternos pelo Estado que as promove e regula" ou; como "[...] um ritual de inversão e de resistência, quando os oprimidos podiam exercitar sua identidade e cultura". Verifiquei, no primeiro momento, a dança no Veiga como um ritual de inversão e resistência, porque no passado foi proibido pela Igreja Católica, mas continuou a ser realizado no Veiga. Afirmá-lo e transformá-lo em seu traço característico permitiu a esta coletividade consolidar sua identidade em torno da categoria "remanescente de quilombos" e reafirmar suas tradições e cultura, permitindo, assim, que começassem a reivindicar seus direitos territoriais constitucionalmente garantidos (Moreno, 2014, p. 110).*

A autora destaca a resistência e a importância da memória na identificação da comunidade do Veiga, enquanto remanescente de quilombos. Tanto para os Anacé quanto para os quilombolas, é importante destacar como a dança se manteve nas comunidades, com interpretações e simbolismos identificados como uma estratégia de manter viva a identidade, a partir de um importante elemento aglutinador.

Na dança do São Gonçalo para os Anacé, há uma característica que justifica a centralidade desse ritual nas dinâmicas de reconstrução da identidade: foi ao São Gonçalo que Júnior Anacé recorreu quando estava relevantando a história do povo indígena. Apesar de o toré e da dança do coco também serem mencionados como elementos importantes no acervo cultural dos Anacé, foi e é a dança do São Gonçalo o elemento que garante uma identidade Anacé orgulhosa de si, especialmente no caso dos indígenas que foram desterritorializados e reterritorializados na Reserva Indígena Taba dos Anacé. Nesse contexto, aprofundamos um elemento presente no ritual do São Gonçalo que parece guardar estreita relação com a vida e o modo de ser dos atuais Anacé no mundo: o giro do "oito". De acordo com Júnior Anacé, em entrevista no dia 18 de janeiro de 2023:

> *A Dança de São Gonçalo, ela não é somente uma dança! Para nós, ela é um ritual sagrado né?! Mas por quê que ela é um ritual sagrado? Primeiro, porque ela parte de um momento religioso, é tanto que ela tem várias passagens. A Dança de São Gonçalo, ela tem. E aí tem várias pessoas que dizem: mas como é que ela é um ritual e a pessoa no*

> *momento do ritual dá as costas para o Santo? Justamente por isso, porque a gente tá fazendo um ritual que é incorporado pela cultura indígena, ela, a Dança de São Gonçalo, ela foi trazida de Portugal para cá, pelos europeus e quem adaptou ela aqui, foi nós, povos indígenas. Então, nós dança do jeito que a gente quer! Dando as costas para o Santo, ou, não! É nosso! Entendeu?! Nós dança do jeito que a gente quer. E aí ela tem as passagens da dança, ela tem a continência, a continência é como a gente reverencia o Santo; tem o beijo; tem o oito; e tem o corte do cordão, né? Vamos lá! O quê que é a Dança de São Gonçalo, ela é um conjunto, resumindo tudo, ela é um conjunto de passos, de gingados, de movimentos, que no final, se você fizer uma fotografia aérea, ela tem uma finalidade e um objetivo de formar um oito, ela forma um oito bem direitinho, bem bonitinho. Então, esse é o objetivo da Dança de São Gonçalo: fazer um oito, certo? Um dia se você tiver a oportunidade de ver algumas fotos que a gente tem, ela mostra isso, um oito bem direitinho, quando é uma foto aérea, uma foto de cima. Mas assim, por quê que ela é um ritual também? Porque ela tem uma força espiritual muito forte e aí tem pessoas que entram com pensamento muito negativo. Se entrar com pensamento negativo naquela dança, ela pode não aguentar e cair, entendeu?*

"Esse é o objetivo da dança do São Gonçalo: fazer um oito", diz Júnior. Enquanto o "oito" é o objetivo da dança entre os Anacé, o círculo é o objetivo do São Gonçalo entre os quilombolas do Evaristo, em Baturité. De acordo com Machado (2020, p. 3):

> *São Gonçalo faz circular sonhos, pessoas (almas e corpos, na concepção nativa) e lugares. Essa circulação, enquanto uma rodativa da vida implica na possibilidade transformacional do mundo no ritual, tanto no acontecimento, quanto de forma duradoura. Durante o rito, os corpos dos vivos, a alma dos mortos e o poder dos santos interagem de modo sempre circular, como tudo no Evaristo. Isso quer dizer que, no dançar e no cantar, há uma mistura desses entes sem que haja uma síntese entre eles, mas espaços para ocupar, especialmente os corpos, que deixam de ser apenas de pessoas vivas, para serem usados por almas dos mortos ou pelo próprio santo, que "faz dançar". De modo duradouro, a transformação do mundo, diz respeito às graças alcançadas, especialmente àquelas ligadas à água e à saúde. São fontes de água que não se esgotam, são crianças doentes que crescem saudáveis. (Grifos no original).*

No círculo, você inicia em um ponto e retorna a esse mesmo ponto após um giro. O oito, por sua vez, não é um círculo, mas dois círculos que se unem por um ponto, círculos esses que podem ser iguais ou apenas assemelhados. No caso Anacé, ao privilegiar o oito ao invés do círculo, os indígenas estão afirmando uma caminhada que não se faz retornando ao mesmo ponto, a um passado idílico. O oito é a representação visual da dobra no espaço-tempo, em que passado e presente se conectam por meio dos corpos-territórios dos atuais Anacé. Ao acessar as memórias da encantaria, esses corpos-territórios promovem o encontro dos círculos do que já foi e do que pode vir a ser.

Os quilombolas do Evaristo e do Veiga e os Anacé da Reserva, todos praticando o São Gonçalo, foram capazes de ressignificar uma dança e um santo, considerado para alguns de origem portuguesa, convertendo-os em

potentes elementos de significação de suas identidades diferenciadas, como se afirmassem: "somos indígenas e quilombolas também porque dançamos o São Gonçalo", o que guarda um sentido profundo para esses coletivos. Converter estigmas em identidades orgulhosas de si, resgatar o passado, reescrevendo-o nas suas lacunas, imaginar novas tradições. Tudo isso é uma forma de os quilombolas do Evaristo, na rodativa da vida, e os Anacé da Reserva, com a reversão colonial do "oito", construírem e reconstruírem seus mundos, o que Nóbrega (2023, p. 87-88) denominou de políticas de existência:

> *Nesse sentido, penso em políticas de existência e não em resistência, porque essas políticas não se pretendem instituir como poderes hegemônicos, nem tampouco são pensadas de forma exclusiva como oposição a (algo, alguém, ideia, ideologia, poder...). Antes de tudo, são políticas de construção de pessoas Anacé, de manutenção e (re)produção de modos de vida. Eles fazem roça, toré, dançam o São Gonçalo, fazem bolos na Semana Santa e realizam retomadas para se encontrar e existir, para continuarem a ser o que são apesar de todo o feitiço colonial-capitalista [...]*
> *As políticas de existência são formas de ação que se operam a partir de processos de longo prazo, sendo visíveis, principalmente, nas esferas do cotidiano, das relações próximas, onde o social se constrói politicamente. Baseiam-se na construção de uma territorialidade própria, de onde escapam as redes hegemônicas de controle.*

Não há nada mais contracolonial (Bispo dos Santos, 2023) do que reafirmar-se indígena a partir de uma dança que foi constituída e concebida como de origem portuguesa. Quem disse que o São Gonçalo não existiu realmente enquanto um encantado Anacé? Quem disse que ele não continua ativando e protegendo o universo ontológico Anacé, um universo de cura e de pertencimento? Quem disse que o São Gonçalo só pode ser percebido como uma dança, uma manifestação da cultura popular? Quem disse?

Os Anacé e os quilombolas do estão dizendo que, em suas práticas, ações e rituais, estão dando rumos para sua existência, redefinindo e reconceituando, a partir de seus universos simbólicos e ontológicos, identidades orgulhosas de si.

São Gonçalo fortalece os Anacé para continuarem sua jornada na reversão das políticas coloniais que negam a possibilidade de existirem nesse tempo e nesse espaço. O ritual da dança é um ambiente de, apesar de apresentado publicamente a quem se dispuser a conhecer, não é acessível a qualquer um, fortalecendo, assim, laços e conexões entre os indígenas a um mundo da encantaria, recriando pertencimentos:

> *E São Gonçalo vai embora, aí o povo que fica com saudade daquela festividade, daquela alegria, daquela bondade do Senhor São Gonçalo espaiou sobre nós que nós fiquemo, nós fica chorando. [...] Você pode pensar que é chorando de tristeza, mas não é chorando de tristeza. É chorando de emoção porque nós temos um home santo para nos abençoar, para nos prestigiar, para nos salvar, para nos curar, como foi um homem curador e sempre será (Antônio Adelino, na vivência do São Gonçalo, em 09 de outubro de 2021).*

Os Anacé reverenciam o Santo e o Santo reverencia os Anacé. A cada dança dançada, a cada graça alcançada, a cada apresentação ou ensaio

realizado, os Anacé se fortalecem, criando condições e possibilidades para suas políticas de existência. Espaços seguros para que os atuais Anacé e as futuras gerações possam seguir na sua caminhada de reversão colonial, uma tarefa que não cabe em apenas uma vida, sendo, portanto, herdeiros de uma história longa.[14]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O São Gonçalo para os Anacé não é o passado estanque nem o futuro definido. Não é um ritual com regras fixas e fechadas. Só pode dançar para pagar promessa, não pode ter ensaio, não pode estar calçado, etc., foram regras que já existiram no passado, mas que hoje não fazem mais sentido. Júnior Anacé, apesar de reconhecer a influência portuguesa na dança, destaca que o São Gonçalo é indígena: "então, nós dança do jeito que a gente quer! Dando as costas para o Santo, ou, não! É nosso! Entendeu?! Nós dança do jeito que a gente quer". Tal afirmação, longe de deslegitimar o pertencimento étnico, antes o reforça. Políticas de existência que vão configurando mundos a partir das estratégias indígenas que desafiam a linearidade cartesiana e cristã das identidades fixas e imutáveis no tempo e das origens.

Ser Anacé no mundo está relacionado às suas políticas de existência que não cabem nos conceitos pré-determinados colonialmente do que é ser indígena, ser quilombola, ser cristão, como se cada coisa coubesse em caixinhas definidas a priori. Eles embaralham e reconfiguram esses conceitos, provocando-nos a pensar, inclusive, o quanto as ciências podem ser mecanismos de ocultação e de invisibilidade.

Além da importância ritualística, performática e política, a Dança do São Gonçalo é um instrumento de cura, de promoção de encontros e de alegria entre os indígenas Anacé. "Graças a Deus que chegemo nessa casa de alegria", como afirma um dos primeiros versos do São Gonçalo. É um momento de fruição de vida, em que todo o resto permanece em suspensão, como se os mestres e dançantes entrassem em transe.

O objetivo desse ritual, portanto, não é apenas de alcançar graças, mas de gerar alegria para o povo que o escolheu como santo, como encantado. E não há nada mais impactante ao colonialismo, ao racismo e ao capitalismo do que quando corpos racializados decidem "perder tempo" dançando, se divertindo, se alegrando, se reunindo. É uma fruição de vida, uma potência de vida, considerada desperdiçada para as opressões. Mas é justamente essa prática partilhada entre os indígenas que os dão força para seguirem na luta diária, criando e desempenhando as formas Anacé de ser e estar no mundo.

14 Acerca do poder da memória nas lutas de resistência e da história longa de povos que foram submetidos à colonização e à colonialidade, Sílvia Cusicanqui escreve: "da densidade polimorfa do presente surge a possibilidade de a memória do passado poder ser reinterpretada e recriada. [...]. Ambos os processos, a codificação e a recodificação, se justapõem, transformando as derrotas em vitórias, ou em advertências cautelosas sobre como se deveria proceder. As "lições da história" são, simultaneamente, exegeses e reinvenções que surgem dos debates comunitários, em reuniões clandestinas nas cidades, mas que também se transmite, nos longos períodos de refluxo, através de relatos orais e mitos, de aforismos e ator performativos. Acima de tudo, exibem-se na prática ritual e cerimonial, com a qual as comunidades atravessam um abismo polarizado de noções divergentes de direito, de propriedade e de representação, conjurando o inimigo através de uma abordagem dupla e virando suas armas contra ele" (Cusicanqui, 2018, p. 131).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BOMFIM, Wellington de Jesus. Identidade, memória e narrativas da dança de São Gonçalo do povo do povoado Mussuca (SE). Dissertação de Mestrado no Departamento de Pós- Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2006.

BRAGA, Elza Maria Franco *et. al.* **Olhares sobre a comunidade quilombola Serra do Evaristo:** trajetórias, descobertas e construções identitárias. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

BRISSAC, Sergio Góes Telles; NÓBREGA, Luciana Nogueira. Benzedeiras Anacé: a relevância dos ritos de cura na emergência étnica de um povo indígena do Ceará. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27., 2010, Belém. **Anais [...].** Belém: Associação Brasileira de Antropologia (ABA), 2010.

COUTINHO, Leonardo; PAULIN, Igor; MEDEIROS, Julia. A farra da Antropologia oportunista. **Revista Veja**, de 05 de maio de 2010, p. 154-161. Disponível em: https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/farra-da-antropologia-oportunista.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Micropolítica andina. Formas elementares de insurgência quotidiana. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel (Orgs). **Demodiversidade:** imaginar novas possibilidades democráticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 129-136.

MACHADO, Cauê Fraga. "Rodativas da vida e o tudo circular": a Dança de São Gonçalo e a contra-efetuação da política no Quilombo da Serra do Evaristo/CE. **Revista Hawò**, v.1, 2020, pp. 1-25.

MORAIS DE SOUZA, Ângela Maria; NOGUEIRA, José Cleber da Silva; PAULINO, Lucilane. A "desterritorialização" da nação Anacé de Matões sob o olhar dos mais velhos. **Monografia.** Programa de Apoio à Formação Superior de professores indígenas – PROLIND. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2016.

MORENO, Daniele Cristine Gadelha. **Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo**: memória e identidade na festa e devoção a São Gonçalo no Sítio Veiga. Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, 2014.

NÓBREGA, Luciana Nogueira. O povo indígena Anacé e o Complexo Industrial e Portuário do Pecém, no Ceará: desenvolvimento e resistências no contexto da barbárie por vir. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 51, n. 2, p. 165-211, jul./out. 2020.

NÓBREGA, Luciana Nogueira. "Eu fui tão feliz que dói!" - entre políticas de invisibilidade e políticas de existência: os Anacé e o Complexo Industrial e Portuário do Pecém, Ceará. 2023. 391 f. **Tese (Doutorado em 2023)** - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em:

http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=111964. Acesso em: 20 de junho de 2025.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O campesinato brasileiro:** ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1973.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTANA, Renato. Povo Anacé: (Re)territorializando a vida. Jornal Porantim, Ano XXXVI, nº 377, Brasília-DF, agosto 2015. Disponível em: https://cimi.org.br/pub/Porantim/2015/Porantim377_ago2015.pdf.

SOUZA, Ana Cristina. **Manifestação cultural subalterna o São Gonçalo em Santo Amaro do Maranhão.** Artigo científico de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos realizado pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação – CELACC da Escola de Comunicação e Artes - ECA da Universidade de São Paulo – USP, 2010.

SOUZA, Rute Morais. Tabas, roças e lugares de encanto: construção e reconstrução Anacé em Matões, Caucaia, Ceará. 2019. **Monografia (Graduação em Ciências Sociais)** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, 2019.